

28-07-2023

PERDA

Domingos Viramundo

[Bacharel em Arquivologia. Doutorando em Geografia/UFG]

Era algum dia, talvez do ano de 1986. Sei que o asfalto da rodovia GO-118 acabava de chegar a Campos Belos. Indo em direção a Arraias. Fim de tarde. Rumores tilintavam, pairava uma névoa sombria de apreensão e desconfiança no imaginário das pessoas da cidade. Dezessete horas, chega o momento tão divulgado no Cimirrés, o cinema local onde havia um grande alto-falante para avisos, que se ouviam de todos os pontos do povoamento. Bummm, bummm... As explosões das rochas para abrir a estrada ensurdeciam a todos e sacudiam as casas como um terremoto.

O barraco era feito de lona preta com casqueiros, sobras retiradas no momento da lapidação da madeira. Seu Marcelino, Dona Goia, seus oito filhos habitavam aquele canto periférico. Asfalto ali não tinha, para o prazer da meninada, que se esbaldava de brincar naquela terra. A rua era praça, campo de futebol, quadra de pique-pegas, bandeirinha estourou.

Água encanada, luz elétrica não eram pauta do momento. Algumas marcações e buracos estabeleciam o marco da nova moradia que seria construída, mas que jamais passou disso.

Dezoito horas, o sol já ia longe no horizonte, a penumbra da noite começava a dar sinal de que se mostraria. A Chevrolet D10, carroceria de madeira, cor vinho, lataria amassada e gasta pelos intensos anos de trabalho, parada, com a traseira aberta, coladinha à cancela de entrada da morada. Menino entrava, menina saía, num vai e vem frenético, igualzinho a um bando de formigas carregadeiras. De dentro traziam os cacarecos, que colocavam na caminhoneta. Não demorou muito, tudo estava acomodado. Seu fulano amarraria a carga para seguirem viagem. Os rebentos mais velhos formaram uma espécie de fila indiana, com algumas trouxas nas mãos, e romperam.

Meu irmão mais novo, o papagaio e eu, que ainda desfrutávamos da inocência da primeira infância e do colo tênue da mãe, fomos colocados na cabine do carro. De lá, tínhamos a visão panorâmica do lar. Dona Goia, com seu caminhar sempre ligeiro, andando de costas, em nossa direção, varria de um lado para outro, de dentro para fora. Seu fulano tomou da vassoura, a encaixou na carga e entrou no automóvel, do lado do motorista. Dona Goia entrou no lado do passageiro e fechou a porta.

Recebeu o papagaio nos dedos, olhou com afago para nós, deu um leve suspiro, mandou o motorista seguir e balbuciou em voz perdida: “*aqui não quero deixar nem mesmo os rastros*”.

Só mais tarde, com o passar de alguns anos, pude entender a dimensão do que aquela imagem significava. Era a separação, o desquite, o divórcio. Dona Goia, a partir dali, seria a responsável única, exclusiva, de todos os bruguelos. Seu Marcelino se dissiparia lentamente até não mais fazer parte daquele grupo.

Eu, que não compreendia ainda muitas coisas, sabia que ali algo acontecia, que o mundo havia se movimentado, e que nada seria igual. Minha primeira lembrança de perda. Perdemos naquele dia o lar e ganhamos o mundo. Aprendi naquele instante a lição número um da vida: para ganhar, tenho que perder.

Ou é perdendo que se ganha. Sartre argumenta que, diante da perda, somos confrontados com a responsabilidade de criar nosso próprio significado da vida. Não há um propósito predefinido ou uma resposta universalmente válida para lidar com ela.

Cada indivíduo é livre para dar sentido à sua própria experiência e atribuir significado ao que perdeu. A trajetória do existir é marcada por encontros e despedidas. Desde o primeiro instante, aprendemos que a perda é uma constante inevitável.

Perdemos pessoas, amores, amizades, empregos, oportunidades. E, a cada partida, sentimos o vazio e a angústia se apossando do nosso ser. Já adolescente, criado e educado por meu irmão mais velho, recebi o complemento do aprendizado sobre lidar com a perda. De um jeito muito simples e desprezioso - não sei bem se ele falava comigo ou consigo mesmo -, me disse algo que fez muito sentido para mim. Após um grave acidente de carro, já decorrido um ano, ele ainda trazia pinos e parafusos na cabeça e um colar cervical no pescoço. Eu o olhava e achava aquela situação difícil e pitoresca. Com olhar singelo e sorriso largo e farto, de repente, meu irmão balbuciou: eu sempre me apego ao que há de bom. Mesmo na perda, temos ganhos. Mesmo nas situações ruins, aprenda a enxergar o que há de bom. Nada é só ruim e nada é só bom. Abandone a parte ruim e grude, feito maçã do amor nos dentes, à parte boa. Foi naquele vagalume que pude compreender o que Dona Goia fazia ao apagar os seus rastros da nossa antiga morada. Ela estava cortando o cordão umbilical, estava deixando para trás tudo de ruim e se apegando ao novo, ao bom. Com medo, solitária, com o coração gélido e partido, mas cheia de vida, de amor, incertezas e possibilidades.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.